

O LICEU

ÓRGÃO DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DE SÃO GONÇALO
CUIABÁ MATO-GROSSO BRASIL

Ano IX Novembro-Dezembro de 1944 N. 5

DE NOVO NOS VEREMOS!

Ainda um pouco e não nos veremos; mais um pouco e de novo nos veremos. Assim saudava Jesus aos seus fiéis amigos, antes de separar-se dos Apóstolos, que durante três anos tinham vivido sempre juntos e na maior intimidade com Ele.

Do mesmo modo vos saúda o vosso Pai e Mestre, Dom Bosco, agora que, após um ou mais anos, passados na sua casa, ides separar-vos, rumo aos vossos lares, muitos para voltar brevemente, outros para ir algures completar o preparo, que vos dará um futuro feliz.

Atentai, porem, que todos deveis imitar os Apóstolos no tempo de separação, para merecerdes todos de rever ao vosso bom Pai e Amigo.

O que faziam os Apóstolos, quando separados de Jesus? Foram levar aos povos a luz da fé, o calor da caridade, o benefício das obras maravilhosas, de que tinham recebido mandado de Jesus. Assim quer Dom Bosco que todos vós, seus filhos e amigos, vades espargindo, aonde fordes, a luz da vossa piedade, a caridade do vosso auxílio, o benefício do vosso bom exemplo, sem deixardes apagar a chama, que Ele acendeu em vossos corações, nem pelo ócio, que embrutece com todos os vícios, nem por divertimentos ou leituras perigosas, nem pelo respeito humano, que mata todos os sentimentos nobres e cristãos.

Voltareis, então, os que aqui vierdes para continuar vossos estudos, sentindo-vos mais à vontade na casa de Dom Bosco, percebendo, quase sensivelmente o sorriso de aprovação, que Ele vos há de dirigir e a proteção mais eficaz, com a qual Ele sempre mais vos amparará.

E vós outros, que já deixais definitivamente o colégio, também vós o tornareis a ver com prazer, quando, ao pensardes saudosamente nos dias aqui transcorridos, sentireis o olhar complacente do Pai pousar-se sobre vós, para animar-vos a ser-lhe sempre fiéis amigos. Voltareis a vê-lo especialmente nas festividades principais da casa de Dom Bosco, que continuará a ser sempre a vossa casa, acolhedora e amiga, nela achando, com o sorriso paternal do Santo, o abraço fraterno dos vossos antigos superiores e mestres.

De novo nos veremos.

Pe. Diretor.

PÁTRIA

SENHORES: hoje festejamos o Dia da Pátria, nesta época tão interrogativa para os destinos da humanidade.

O que é a pátria?

Oíçamos a Rui: «A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de govêrno, mas é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos, o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade.»

Sim, a pátria é tudo isso; mas não é isso, tudo.

Não é uma palavra retumbante que enche a boca e esvasia o coração.

Não é um grito para abafar a virtude alheia ou mascarar vícios próprios.

Não é a capa de que se revestem muitos pseudo patriotas para se enriquecerem à custa dêste verde e amarelo ou debaixo dêste céu azul; nem é o cesejo ávido do ganho e da riqueza, que move a boca com a palavra pátria, mas não segura as mãos que transportam do cofre da nação para o próprio, êsse dinheiro sagrado.

Não é o egoismo desenfreado e descarado, êsse egoismo causador de tôdas as demolições sociais.

Não é uma idéia absurda, que sem base de experiência, ou com experiências tremendas de outros povos pretende implantar-se, para satisfação de caprichos pessoais, para contentamento de fantasias tresloucadas, para nivelamento de posses e para recompensa de mandríce.

Não é a realização de homens, sem religião, sem família, sem patriotismo e sem capacidade, baseados sòmente nas paixões sangrentas ou na volúpia de novidades vís.

Não é a fêra que se sacia com as carnes ensanguentadas de seus filhos.

Não é o machado nem o punhal oculto na bainha ou sob o manto de patriotismo, cortando a liberdade do espírito e da existência.

Não é a anarquia derramadora de sangue, incendiária de lares, produtora de órfãos, geratriz de misérias, demolidora da civilização e aniquiladora da nobreza e do saber.

Não é a ingratidão ou a injustiça negando o pão e o direito de vida ao que trabalha, jogando à rua inocentes crianças, somente porque filhos de filhos de outras terras, que afinal trabalharam, trabalham, vivem conosco, desejam a nossa felicidade que também é deles, porque é felicidade da pátria de seus filhos.

Isso não é pátria, senhores.

Mas a pátria é «a família amplificada» (Rui).

É a mãe carinhosa, que sustem nos braços o filhinho querido, ampara-o nas suas quedas, amamenta-o na sua fome e consola-o nas suas dificuldades.

É a bandeira que tremula sobre nossas testas, guardando nas suas dobras a nossa religião, a nossa história, as nossas tradições, o nosso amor, o nosso passado e o nosso futuro...

É a terra duas vezes bendita que bebeu o sangue dos nossos heróis, e que esconde os restos dos nossos queridos, daqueles que nos amaram, que a amaram e que nos ensinaram a amá-la.

É a sociedade que nos anima, auxilia e conforta, respeitando todos aqueles que de qualquer modo contribuíram e contribuem para a nossa grandeza.

É o nosso povo com todos os seus afetos, com suas virtudes e manhas, com a sua pujança e meiguice, com o sorriso alegre de suas crianças, com a carícia de suas mães, filhas e esposas, com os palpitantes exemplos de seus varões e com os sábios conselhos de seus anciões.

É a eloquência de nossa religião, nos altares e nos sinos de suas igrejas, nos oratórios de suas casas particulares, no afeto de suas mães, nos lábios de suas crianças e no coração de seus homens.

Isso é que é Pátria.

E assim é, louvado seja Deus, a nossa Pátria.

SALVE PÁTRIA BRASILEIRA. Terra dos brasileiros, brasileiros de nascimento ou brasileiros de coração, mas só dos brasileiros:

«Carinhosa para os estranhos mas antes de tudo maternal para os filhos.»

Queremos-te como te querem nossos avós. Queremos-te nos teus limites, nas tuas lendas, nas tuas tradições, nos teus amores, no teu céu, na tua língua, na tua bandeira e na tua erança.

Queremos-te como te recebemos de nossos pais e como desejamos entregar aos nossos filhos.

O Liege

Sim, como desejamos entregar aos nossos filhos, filhos do nosso amor ou da nossa inteligência.

Nós somos os responsáveis pelo Brasil de amanhã. Nós somos aqueles sôbre os quais gravita o futuro da nossa Pátria. Os brasileiros de amanhã, serão como nós os formarmos hoje.

Não há, nem houve brasileiro traidor, mas sim brasileiro mal formado.

O brasileiro ama o Brasil.

Leiam a bela historia de Piratiní; os nossos valentes revoltosos gaúchos já não resistem. Rosas lhes oferece auxílios e qual a resposta? «Senhor; o primeiro soldado de suas tropas que atravessar a fronteira, fornecerá o sangue com que será assinada a paz de Piratiní com os imperiais.»

Perguntem a Floriano, no momento mais crítico quando até a cadeira presidencial lhe vacilava, como seriam recebidos os reforços estrangeiros... «Á bala», foi a resposta...

Senhores, não acrescento comentários, entenderam-me.

De que nos valeria o Brasil sem brasileiros? Não; o Brasil é dos brasileiros e com eles viverá ou morrerá a nossa Pátria.

E quero neste dia, da defesa nacional, dia da Padroeira da nossa nação, dobrar meus joelhos diante do altar do Trés Vezes Santo, ornado com as côres de nosso pendão, quero, pedir por intercessão da Senhora Aparecida, que conceda aos nossos filhos e aos filhos de nossos filhos a grande dita de celebrar em dias mais belos e mais tranquilos, debaixo dêste céu azul, nesga do manto da Imaculada que nô-lo emprestou salpicado de estrelas para nossas côres; sôbre êste verde das nossas matas aumentado pela força do verde das nossas esperanças; com êste amarelo do nosso ouro, porém mais com o amarelo da nobreza, que deve enriquecer nossa alma, de celebrar, disse, esta mocidade, êste Brasil em botão, em tempos mais belos e mais tranquilos, o dia da Pátria como celebramos hoje, dessa Pátria sem mancha, sem mácula, que se resume na pureza do branco existente no coração da nossa bandeira.

SALVE, BRASIL!



DUAS TIRAS (Para O Lícen)

José de Mesquita

A morte de Jônatas Serrano, ocorrida em outubro, no Rio, veio privar as letras católicas brasileiras de um dos seus mais valiosos elementos. Poeta de escol, erudito, jornalista, professor, o extinto era sobretudo, um Homem de Fé e um Homem de Ação. Combatente estrênuo, a sua pênna sempre esteve ao lado das grandes e boas causas que interessavam à Religião e à Pátria. Nasceu no Rio, em 1885, exerceu a sua fecunda atividade na Capital brasileira, onde sempre residiu, deixando farta messe de trabalhos. Pertencia à Academia Carioca de Letras, onde ocupava a cadeira nº 9, que tem por patrono Martins Pena.

A exiguidade de tempo com que luto, e a do espaço desta secção, não permitem maior homenagem a esse vulto egrégio de nossa Cultura, mas quero deixar aqui, enfeixando as impressões acerca de Jônatas Serrano, este mimoso e lindo soneto, que imprime bem, a par do seu sentimento religioso, a delicadeza do seu lirismo afetivo, no culto sublime da família:

Soneto

Mãe de Deus, mãe dos homens, a mais bela
entre as belas, de todas a mais pura!
Que destino, na terra te constela,
que destino no céu te transfigura!

E ainda tão pequena e pobre! É vê-la
Com os pés nus sobre a terra negra e dura,
à cabeça, trazendo em vez de estrela
a bilha d'água, que ela mal segura!

E quando passa, as flôres dos caminhos
galhos que, em vez de flôres, trazem ninhos,
inclinam-se, saudando a que se humilha...

Como passa a sorrir! Lembra uma abelha!
Perdão, meu Bom Jesus, si não semelha,
a mesma idade tem da minha filha!

Dezembro, MCMXLIV.

O horário no Colégio Salesiano

A novidade do horário descontínuo, introduzido neste ano, despertou não poucos comentários, uns suscitados por razões de interesse particular, outros por considerações, sobre as vantagens, tanto na teoria, como na prática.

Daí a reunião de 24 de setembro u. d. que melhor evidenciou os vários pontos de vista.

Por parte do Colégio a experiência do novo horário foi dada por motivos, de notável peso, como os seguintes:

1º — a recomendação dos Superiores, de conformar o horário do Colégio com a praxe geral das Casas Salesianas.

2º — a impossibilidade, na prática, de concentrar num horário único, só de manhã ou só de tarde, todo o complexo programa atual do ginásio, com a relativa educação física e instrução pre-militar.

3º — o pouco ou nenhum rendimento das aulas que ultrapassam a terceira, achando já o aluno esgotado física e intelectualmente.

4º — a conseqüente maior facilidade de assimilar, quando se interponha entre uma e outra parte dos trabalhos escolares, um prazo para o recreio e o alimento.

Muitas famílias aderiram plenamente, aceitando as razões aduzidas, como exaurientes.

Outras fizeram observar que a distância da morada pode exigir notável perda de tempo na dupla ida e volta, se é que justamente se chame perdido o tempo que o jovem passa em exercício de passeio, sempre apto para o seu desenvolvimento físico. Também sentiram alguns que com tal horário seja tirada ao aluno a possibilidade de prestar certos serviços em casa. Responde-se a isto, que se o menino não pode dispor do tempo necessário para a aula e o estudo, é inútil matriculá-lo na escola.

O Colégio, que pretende fazer todo o possível para conciliar as exigências próprias dos estudos com as condições de cada um dos interessados, já procurou ir ao encontro dos que moram mais afastados, oferecendo o seu semi-internato, que, dando a possibilidade de se dedicar maior tempo ao estudo, elimina a necessidade da dupla ida e volta. Além disso, se está estudando o plano dum serviço de transporte especial para recolher os alunos dos diversos pontos da cidade, na hora da entrada para a escola.

Certo é que os sacrifícios feitos não caíram em vão, pois os resultados na aplicação geral, e das aprovações finais foi es-

AOS PAIS DE FAMILIA

Tomamos a liberdade de pôr as famílias de sobre-aviso, acerca dos graves perigos que a cidade oferece aos jovens, que nela vêm adquirir a ciência necessária para o seu porvir, mas ainda não têm a idade e o discernimento para evitar o que lhes pode prejudicar a saúde, o estudo e a educação cristã, que custou tantos cuidados às carinhosas mães.

As famílias que não podem assistir diretamente os filhos, morando na cidade, têm justo motivo de receiar que êles se deixem levar por falsas amizades a perderem o tempo de estudo e tudo o que de melhor trazem do próprio lar, ocupando-se em passeios e divertimentos mundanos, muito perigosos para essa idade.

O colégio, para remediar a este perigo, avisa as famílias que, por uma parte, se prontifica a receber no internato os estudantes que não têm família na cidade, prestando-lhes toda a assistência física e moral, com o conforto dum ambiente sadio e alegre, favorecendo-lhes muito o feliz êxito dos estudos. Por outra, o mesmo chama a atenção sobre a advertência, que se contém na caderneta escolar: «Não se aceitam alunos externos que morem nas chamadas *repúblicas* de estudantes. Só se aceitam alunos que morem com seus pais ou representantes legais dos mesmos. Aceitam-se *excepcionalmente* os que moram em pensão, se tiverem na Capital um *representante expressamente apresentado pelos pais.*»

te ano notavelmente superior ao dos anos anteriores, em que um horário mais cômodo oferecia menor garantia de aproveitamento.

Entretanto, afim-de obviar, em parte, a alguns inconvenientes lamentados, e conforme ficou prometido na referida reunião dos P. A. E. S., será disposto o horário no proximo ano de 1945, de forma a se deixarem livres as horas da tarde umas vezes por semana, conforme o permitirem as exigências dos programas legais e as próprias do Estabelecimento.

A Diretoria.

Crônica da Campanha Missionária de 1944

- 1º out. — Inicia-se a Campanha Missionária de 1944 pela entrega de listas aos muitos alunos que generosamente se apresentaram para esta luta. Cada série tem por chefe um professor. Cada uma delas recolherá o conjunto dos esforços de cada um dos seus alunos para procurar vencer com maior importância alcançada. Individualmente os alunos serão premiados por promoções militares da Campanha Missionária. Presenciava esta festinha o Rev. Pe. Ernesto Carletti, DD. Inspetor Salesiano de Mato-Grosso e Goiaz.
- 4 out. — Recolheu-se ao total Cr. \$ 1.504,00
- 5 out. — Subiu à importância Cr. \$ 2.801,80
- 6 out. — Atinge neste dia Cr. \$ 3.400,00
- 7 out. — Registra-se Cr. \$ 4.670,00
- 8 out. — 1ª semana e já tem Cr. \$ 5.064,30
- 9 out. — *Primeira Promoção* da Campanha Missionária. — O "Admissão A" ocupa o primeiro lugar com Cr. \$ 781,10.
- 12 out. — *Segunda Promoção* da Campanha Missionária.
- 14 out. — Presente para a Campanha Missionária: 13 alqueires de cal.
- 22 out. — Dia das Missões. — Total da cooperação: Cr. \$ 7.681,40. Neste dia houve com solenidade a *Terceira Promoção*, sendo somente de oficiais.
- 25 out. — A 1ª Série A com a importância de Cr. \$ 1.725,00 passa a ser a primeira na Campanha Missionária.
- 27 out. — A Admissão A torna a ser primeira com a quantia de Cr. \$ 1.740,00. À noite, primeira representação do drama "O Capitão Jaguar" preparado e executado em benefício das Missões Católicas. Nesta ocasião procedeu-se à *Quarta Promoção* da Campanha Missionária.
- 29 out. — Avanço estratégico da 3ª Série B, pois passou além de mil cruzeiros. Essa é a quarta série que perpassa Cr. \$ 1.000,00. À noite, representação do drama para o público. Deu-se então ocasião para a *Quinta Promoção*, aliás só de oficiais, entre os quais um recebe o grau de General.
- 31 out. — A 3ª Série A recebe um reforço de Cr. \$ 500,00. É a quinta série que passa de mil cruzeiros.

- 1.º nov.—Anuncia-se uma grande rifa composta de prendas que os mesmos alunos se comprometem de recolher para as Missões.
- 8 nov.—Os bilhetes da grande rifa vão circulando. Rifa de 250 prendas. A tiragem dos bilhetes é de 1.000 números de Cr. \$ 1,00 cada. — Neste dia a 1.ª série A está com Cr. \$ 2.500,00. Isto faz subir o resultado a Cr. \$ 12.200,00.
- 10 nov.—*Sexta Promoção*, na qual condecorou-se um General de Divisão, dois Generais, dois Tenentes-Coroneis e um Major.
- 14 nov.—Às 19 horas, reuniram-se os generais-chefes das diversas séries para discutir certos assuntos para o final da Campanha.
- 15 nov.—Às 6 hs., a missa da comunidade foi mandada celebrar pelos alunos da Admissão A, na qual comungaram pelas pessoas que auxiliaram na Campanha Missionária. Por motivos superiores foi adiado o encerramento da Campanha Missionária.
- 18 nov.—No Salão de Atos do Liceu Salesiano iniciou-se a extração dos números premiados na Grande Rifa Missionária.
- 19 nov.—Pela manhã terminou-se a extração dos números sorteados da Grande Rifa Missionária. Às 19 horas no mesmo local desenrola-se solenemente a cerimônia do encerramento oficial da Campanha Missionária de 1944. Inicia a festa com a *Sétima Promoção*, coroada pela entrega do diploma de Marechal ao aluno que mais alcançou no trabalho individual, Raimundo Cesário Silva, da 3.ª B.
- Os resultados totais das escolas foram classificando as Séries como segue:

1.ª A	Cr. \$ 4.026,00
Adm. A	Cr. \$ 2.872,30
1.ª B	Cr. \$ 2.162,00
3.ª B	Cr. \$ 2.015,00
4.ª	Cr. \$ 1.692,00
1.ª C	Cr. \$ 1.433,90
3.ª A	Cr. \$ 1.185,00
2.ª A	Cr. \$ 1.000,00
2.ª B	Cr. \$ 545,00
Adm. B	Cr. \$ 545,00

Concorreram também os seguintes grupos do nosso estabelecimento:

Aprendizes	Cr. \$ 229,00
Marianos	Cr. \$ 151,40
Teatro	Cr. \$ 1.621,30

O LICEU

2º — Dos tesouros espirituais das diversas Séries:

843 Comunhões
1.162 Mortificações
777 Atos de Aplicação
797 Atos de Obediência

3º — Dos cofres das Séries:

2ª B	Cr. \$ 126,50
1ª C	Cr. \$ 111,00
1ª A	Cr. \$ 100,00
Adm. A	Cr. \$ 78,00
4ª	Cr. \$ 73,90
1ª B	Cr. \$ 73,90
2ª A	Cr. \$ 55,00
3ª B	Cr. \$ 51,00
3ª A	Cr. \$ 44,20
Adm. B	Cr. \$ 26,00

Resultado da Campanha: Cr. \$ 19.477,00

20 nov.—Embora estivesse encerrada a Campanha Missionária, fez-se um apêlo caloroso aos Srs. alunos e foram completados generosamente os vinte mil cruzeiros (Cr. \$ 20.000,00).

Resultado da Campanha Missionária de 1944
Cr. \$ 20.000,00

Parabens.

AVISO IMPORTANTE

Avisamos aos snrs. pais que a principiar do dia 1º de abril de 1945, será obrigatória a

"Farda Branca"

para todos os alunos indistintamente.

A Diretoria.

FESTA DO PADRE DIRETOR

Seguindo as sábias normas deixadas pelo grande mestre dos jovens, S. João Bosco, os salesianos e alunos deste Liceu celebraram a festa do seu Diretor no dia 26 do mês de novembro.

É esta uma das comemorações genuinamente salesianas e que por isso nos deve sobremaneira agradecer.

Dois devem ser os seus característicos: respeito e familiaridade; virtudes que, embora, nos pareçam se contradizerem, encerram no entanto o verdadeiro espírito de família que D. Bosco quiz se adaptasse ao seu sistema educativo.

A festa transcorreu, portanto, como esperávamos, com aqueles dois requisitos supra-mencionados.

No dia 25, sábado, os alunos ficaram livres do pesadelo das aulas e abriram com chave de ouro o ciclo festivo, oferecendo ao homenageado o empolgante espetáculo de uma comunhão geral; durante o dia houve várias competições esportivas, entre as quais, um sensacional prélio de voleibol da nossa equipe versus uma turma do 16º B.C.; a vitória, contra toda a expectativa, pendeu para o lado dos ginásianos.

No dia 26, domingo, continuou sem arrefecimento o entusiasmo em demonstrar ao bondoso Diretor as nossas provas de afeto; superiores e alunos lhe enviaram saudações, quer pessoalmente ou por escrito, às quais ele respondeu e correspondeu com aqueles sentimentos e sorrisos paternais que lhe são tão peculiares.

Após a missa cantada os alunos desfilaram nos pátios do Liceu, perante algumas autoridades e fizeram uma belíssima representação ginástica de conjunto, ao som da harmoniosa banda colegial e sob a direção competente do sr. sgo. Ataíde de Oliveira Soares. Logo em seguida foi disputada pelos nossos e por outra das equipes do 16º B.C., uma empolgante partida de basquete; viu-se, de lado a lado, lances de verdadeiros profissionais e ainda desta vez a vitória coube aos nossos valerosos alunos.

Ao almoço solene compareceu também a garbosa oficialidade da campanha missionária, ostentando as suas divisas e condecorações.

Fechou-se o ciclo das solenidades, com uma apreciadíssima academia lítero-musical.

GRAÇA

Elza Figueiredo de Mattos agradece a S. João Bosco e envia oferta.

A ORIGEM DOS NOMES DOS ESTADOS

Com uma superfície total de cerca de 8.524.776 kms. quadrados, o Brasil cobre um território mais vasto que os Estados Unidos, excluindo o Alasca e sensivelmente igual a nove décimas partes da Europa. A extensão da sua costa atlântica é de 7.920 quilômetros (4.060 milhas). Mede na sua maior extensão de norte a sul, 4.390 quilômetros e de leste a oeste, 4.353 quilômetros. Alguns dos seus Estados correspondem à área de grandes nações. Mato-Grosso tem o dobro da França em extensão; o Amazonas mede cinco vezes a área da Gra-Bretanha; Goiás é maior que a Espanha; Minas-Gerais é maior que a Alemanha; Pernambuco e Santa Catarina têm o triplo da superfície da Bélgica.

A C R E

O nome Acre aplicado ao território durante longos anos contestado pela Bolívia e cuja posse o Brasil deve à diplomacia de Rio Branco, é corruptela de Aquiry, que quer dizer rio verde. Superfície: 129.047 quilômetros quadrados. População: 129.186. Produção: frutas, borracha, etc.

A M A Z O N A S

O aventureiro espanhol Francisco Orellana, penetrando as selvas amazônicas, acreditou ter visto uma tribo de mulheres guerreiras que montavam a cavalo como as Amazonas das fábulas. Daí o nome Amazonas (mulher sem seio) que passou ao grande rio e à região por ele banhada. Capital: Manaus, com porto flutuante. Superfície: 1.825.997 quilômetros quadrados. População: 483.256. Produção: borracha, cacáu, guaraná, gados, etc. Primeiro governador: Coronel Joaquim de Mello Póvoas.

P A R Á

Pará, literalmente mbará ou mará, significa o mar. Seguindo Baptista Caetano o nome correto é Y-pa-rá que quer dizer coletor de águas. Capital: Belém. Superfície: 1.362.966 quilômetros quadrados. População: 1.812.767. Produção: borracha, castanha, cacáu, algodão, tabaco, gados, etc. Primeiro governador: Ignacio do Rego Barreto.

M A R A N H A O

Corruptela aportuguesada do termo tupi-guaraní mbará-nhã, que significa o mar corrente, a água que limita um mar que corre. Capital: São Luiz, construída numa ilha. Superfície: 346.217 kms. quadrados. População: 1.344.878. Produção: algodão, açúcar, bambú, gados, etc. Primeiro governador: Alexandre de Moura.

PIAUÍ

Py-yau-y — literalmente o rio dos pias (peixe de água doce). Capital: Terezina. Superfície: 245.582 quilômetros quadrados. População: 966.022. Produção: babassú, algodão, boniacha, gado, etc. Primeiro governador: Joaquim Raposo de Albuquerque.

CEARÁ

Cê-ará, canto do papagaio, segundo Theodoro Sampaio, ou canto da jandaia, como livremente traduziu José de Alencar. Capital: Fortaleza. Superfície: 148.591 quilômetros quadrados. População: 1.848.462. Produção: babassú, carnaúba, gado, etc. Primeiro governador: Martin Soares Moreno.

RIO GRANDE DO NORTE

Rio Grande é o nome por que é chamado o rio Potengy na parte inferior do seu curso. Rio Grande do Norte para distinguir-se do Rio Grande do Sul. Capital: Natal. Superfície: 52.411 quilômetros quadrados. População: 901.404. Produção: açúcar, babassú, algodão, mandioca, carnaúba, sal, gado, etc.. Primeiro governador: Ignacio Borges.

PARAÍBA

Pará-ayba — rio pequeno, marzinho, ou mar pequeno, segundo Theodoro Sampaio. Capital: João Pessoa. Superfície: 55.920 quilômetros quadrados. População: 1.612.912. Produção: café, côco, mandioca, algodão, etc.

PERNAMBUCO

Literalmente paraná-mbucó — furo ou entrada de lagamar. Este nome foi aplicado a vários pontos da costa do Brasil onde existem recifes à entrada dos portos. O nome de Pernambuco passou à Capitania de Duarte Coelho Pereira, devido aos recifes que defrontam o porto da atual capital, Recife, por isso mesmo. Superfície: 99.254 quilômetros quadrados. População: 3.428.927. Produção: açúcar, álcool, café, algodão, gado, etc. Primeiro governador: Duarte Coelho Pereira, seu fundador.

ALAGOAS

Provem este nome do grande número de lagoas, que possui o Estado. Denominação dada principalmente à antiga capital, edificada à margem da lagoa Mangaba. Capital: Maceió. Superfície: 28.551 quilômetros quadrados. População: 1.339.510. Produção: açúcar, algodão, fumo, arroz, gado, etc.

SERGIPE

Cirigype ou ciri gy-pe, rio Sergipe ou Serigype, foi também nome de um chefe indígena que morreu combatendo contra os invasores brancos. Capital: Aracajú. Superfície: 21.552 quilômetros

O LICEU

quadrados. População: 595.312. Produção: açúcar, café, coco, fumo, gado, etc.

B A Í A

Baía de Todos os Santos foi o nome dado ao seio do mar em cujas margens se edificou a cidade do Salvador. Com os tempos passou simplesmente para Baía, nome que se estendeu à cidade e ao atual Estado. Capital: São Salvador, que foi capital do Brasil. Superfície: 529.379 quilômetros quadrados. População: 4.720.756. Produção: cacáu, cereais, café, fumo, etc.

E S P I R I T O - S A N T O

Vasco Fernandes Coutinho denominou Espírito-Santo o povoado que fundou na Capitania que recebeu a mesma denominação que passou à Província e ao Estado mais tarde. Capital: Vitória—também construída numa ilha. Superfície: 44.684 quilômetros quadrados. População: 833.276. Produção: madeira, cacáu, café, cereais, arroz, gado, etc. Primeiro governador: Vasco Fernandes Coutinho, seu fundador.

R I O D E J A N E I R O

Os portugueses, ao descobrirem a Guanabara, tomaram-na pela foz de um grande rio a que denominaram Rio de Janeiro por ser descoberta no primeiro mês do ano. O nome passou à cidade de S. Sebastião e mais tarde à província do atual Estado do Rio. Capital: Niterói. Produção: açúcar, café, frutas, arroz, gado, etc. Superfície: 42.404 quilômetros quadrados. População: 2.326.540. Primeiro governador: José Joaquim Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraí.

D I S T R I T O F E D E R A L

Antiga cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, vulgarmente Sebastianópolis (ver Rio de Janeiro). Município neutro. Capital: Rio de Janeiro. Superfície: 1.167 quilômetros quadrados. População: 1.700.532. Produção: frutas e cereais. Primeiro governador: Salvador Corrêa de Sá.

S Ã O P A U L O

Os jesuitas edificaram na planície de Piratininga um colégio sob a invocação de São Paulo. Daí o nome e a vila e depois à Província e ao Estado. Capital: São Paulo. Superfície: 247.239 quilômetros quadrados. População: 7.871.750. Produção: café, algodão, açúcar, gado, etc. Primeiro governador: D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão.

P A R A N Á

Paraná - semelhante ao mar: nome dado em geral aos grandes rios. Capital: Curitiba. Superfície: 199.897 quilômetros quadrados. População: 1.213.520. Produção: café, mate, vinho, frutas, gado, etc. Primeiro governador: Zacarias de Góes Vasconcellos.

SANTA CATARINA

Nome que foi dado ao primeiro povoado e à ilha no local em que se levantou a Vila de Nossa Senhora do Desterro, hoje cidade de Florianópolis e que se estendeu depois a todo o território. Capital: Florianópolis, que constitui com São Luiz e Vitória as três capitais brasileiras constituídas em ilhas. Superfície: 94.998 quilômetros quadrados. População: 1.179.886. Produção: mate, café, cereais, vinho, trigo, etc. Primeiro governador: Dr. José da Silva Paes.

RIO GRANDE DO SUL

Rio Grande do Sul foi o nome dado impropriamente ao canal que comunica a lagôa dos Patos com o oceano. Rio Grande de São Pedro do Sul foi o primeiro nome ou núcleo de população branca fundado no atual Estado. Daí por simplificação Rio Grande do Sul. Capital: Porto Alegre. Superfície: 285.289 quilômetros quadrados. População: 3.577.302. Produção: vinho, trigo, fumo, cereais, mate, bastante gado, etc.

MINAS GERAIS

O território do Estado montanhês quando erigido em capitania independente recebeu a denominação de Minas Gerais de Cataguáz, devido a abundância de minas auríferas. Capital: Belo Horizonte, cidade constituída modernamente e sob medidas arquitetônicas. Superfície: 593.810 quilômetros quadrados. População: 8.598.140. É o Estado mais populoso do país. Produção: café, açúcar, algodão, fumo, gado e grande produção aurífera. Primeiro governador: capitão-general D. Lourenço de Almeida.

GOIÁS

Tira o nome das tribus dos guayas ou guayanases que habitavam o seu território à época das bandeiras. Goiás é corruptela de gua-yá que quer dizer homem parecido ou gente da mesma raça. Capital: Goiânia, nova cidade especialmente construída para capital. Superfície: 660.193 quilômetros quadrados. População: 875.196. Produção: babassú, café, fumo, arroz, gado, etc. Primeiro governador: D. Marcos de Noronha.

MATO-GROSSO

Anteriormente Capitania de Minas de Cuiabá e Mato-Grosso, passou depois a ser simplesmente Mato-Grosso, devido às suas imensas florestas. Capital: Cuiabá. Superfície: 1.477.041 quilômetros quadrados. População: 435.346. Produção: borracha, café, ipecacuanha, mate, gado, etc. Primeiro governador: capitão-general D. Antonio Rollim de Moura Tavares.

(Da "Nação Armada")

VIOLETA TRANSPLANTADA

Como o papel e a vida das flores, são as sinas e os destinos da humanidade.

Uns nascem no caule dos lírios, outros vão imitar as rosas, estes preferem a aparência do gira-sol, aqueles são as boninas dos campos, aqueles outros as flôres das estufas; mas ninguém escapa desse espelho mágico da natureza, refletindo na eloquente mudez de suas pétalas ou do seu habitat a ação humana...

Sabem-no os poetas quando descrevem a cega jardineira da vida, com sua segadeira desalmada e fatal, cortando o botão da flor e deixando a haste desairosa e já calva...

E na ceifa do dia 4 de outubro, essa foice foi cortar uma violeta, de uma fragrância sem par; escondida sempre entre folhas, trabalhando no silêncio e no recolhimento, edificando com sua santidade, atraindo com seu amor, prendendo com sua bondade, ensinando com sua resignação e santificando com seu sofrimento...

Essa violeta foi o querido bispo de Corumbá:

DOM VICENTE MARIA PRIANTE

Filho legítimo de S. João Bosco, apóstolo incansável, missionário intrépido, pai e mestre amado, amante e amável, deixa uma saudade inapagável no coração de seus filhos; um nome imortal nas páginas da história de nossa terra e do grande livro salesiano, e um exemplo belo e imitável nas suas peregrinas virtudes.

Sempre doente e sempre trabalhando, sempre sofrendo e sempre sorridente, como herói de cem batalhas caiu na brecha e morreu... mas abraçado com a bandeira de Cristo, sem entregá-la.

Corumbá e Mato Grosso está de pêsames.

A perda é grande; mas se a cega jardineira cortou a violeta; o Rei dos reis, recolheu-a e escolheu-a do monte das outras flôres, para colocá-la bem alta, a-fim-de que todos a vejam e percebam seus olores.

E dentro em pouco o Brasil todo há-de vê-lo exaltado nas páginas de um livro, pois que a sua exaltação já foi proclamada pela boca e pelos corações do povo de Corumbá.

E em vez de pedir por ele a Deus, peçamos-lhe que røgue por nós, a-fim-de que tenhamos forças para copiar o belo modelo de vida que nos deixou.

Sim, D. Priante, amado pai, descanse em paz e røgue por nós àquele Deus, ao qual tanto amou e que agora contempla e gozará por toda a eternidade.

Rai.

O CURSO CIENTÍFICO E CLÁSSICO

está sendo esperada a autorização para o funcionamento do Colégio no próximo ano de 1945, sendo porem limitadas as matrículas para as séries 1ª e 2ª

O verbo CRER, na abalísada opinião do competente filólogo Prof. José de Sá Nunes

VII—*Crer na Igreja Católica* quer dizer: *crer que a Igreja Católica existe e também crer no que ela ensina.*

No meu livro *Língua Vernácula — Gramática e Antologia* para a 1ª e 2ª séries, 2ª edição, à página 171, está escrito: "*Crer na vida eterna* quer dizer *estar persuadido da existência da vida eterna.*" O prezado consulente não prestou atenção ao seguinte: a diferença de sentido do verbo *crer* com a preposição *a* ou *em* só se verifica quando o complemento é substantivo próprio personativo. Faça o favor de reler e que ensino em o livro citado. Em nossa língua, não se diz *creio a vida eterna*, mas *creio NA vida eterna*. Sendo complementos substantivos que não sejam próprios personativos ou pronomes que os representem, torna-se necessária a preposição *em*. É verdade que se diz *creio isto* ou *nisto*, *creio o que você diz* ou *no que você diz*, mas aí temos objetos diretos, ou com preposição, ou sem ela, mas objetos que exprimem a mesma coisa, que têm o mesmo significado.

No francês e no italiano se diz sem a preposição CLARA o segundo e seguintes complementos coordenados, mas na análise se deve subentender a preposição antes de cada um deles: "*Credo nello Spirito Santo, NELLA Santa Chiesa Cattolica, NELLA Comunione dei Santi*", etc.; assim como "*Je crois au Saint-Esprit, à la sainte Église catholique, à la communion des saints*", etc. A índole da nossa língua não permite a supressão da preposição no segundo e seguintes complementos. No latim, é lícito dizer: "*Credo IN Spiritum Sanctum, sanctam Ecclesiam catholicam, sanctorum communionem*", etc., com elipse da preposição no segundo e demais complementos. O que é certo é que, tanto em latim como em italiano, francês e português, o verbo *crer* tem, em tal caso, complementos regidos de preposição; e se em latim, italiano e francês ela não está expressa, todavia deve subentender-se na análise. A prova provada é que no latim não se diz "*credo sanctam Ecclesiam*" mas "*credo IN sanctam Ecclesiam*"; em francês não se diz "*je crois la Sainte-Église*" senão "*je crois à la sainte Église*"; e no italiano não se diz "*credo la Santa Chiesa*," e sim "*credo nella Santa Chiesa*." Também não dizemos corretamente "*creio a santa Igreja*", mas "*creio na santa Igreja*", não só para significar que cremos na existência dela, mas ainda para significar que cremos o que ela nos ensina.

Finalmente, meu amigo, quem diz "*creio NO Espírito-Santo, A Santa Igreja Católica, A comunhão dos santos*," etc. perpetra um galicismo sintático, porque foi por intermédio do francês (e não do italiano) que veio para o nosso idioma tal construção. É sintaxe de maus tradutores do francês.

O LÍCEO

MINISTÉRIO DA GUERRA
9ª REGIÃO MILITAR
QUARTEL GENERAL
INSPECTORIA DE TIRO

CAMPO GRANDE — MATO GROSSO
EM 6 DE NOVEMBRO DE 1944
DO INSPECTOR REGIONAL DE TIRO
AO 1º Spto. Ataíde Soares de Oliveira
Instrutor da E. I. M. nº 176

OFÍCIO CIRC. Nº 222
I. R. T. G.

ASSUNTO: — Instruções para
matrícula nos C. I. M.

I — Remeto-vos, para os devidos fins, as condições de matrícula para os candidatos aos C. I. M., aprovadas pelo B. I. nº 243, de 18-X-944, da Diretoria de Recrutamento:

1) — Os candidatos precisam:

- a — ser brasileiro nato;
- b — ter 16 anos completos, e não vir a completar 20 anos no dia 31 de dezembro do ano da matrícula;
- c — ser brasileiro naturalizado com a idade compreendida entre 19 anos e 8 meses e 35 anos.
- d — ser brasileiro nato com a idade compreendida entre 20 e 35 anos de idade; desde que provem:
 - ser reservista de 3ª categoria;
 - ter tido a incorporação adiada por ser arrimo de família ou outro qualquer motivo;
- e — ter altura mínima de 1m,50;
- f — ser alfabetizado.

2) — Devem apresentar:

- a — Requerimento do próprio punho, com firma reconhecida, dirigido ao Presidente do C. I. M., pedindo inscrição de matrícula;
- b — certidão de idade original; ou certificado de naturalização, si fôr brasileiro naturalizado;
- c — declaração de responsabilidade, assinada pelo Pai, Tutor ou Responsável, quando menor de 18 anos; e pelo próprio punho, quando maior;
- d — atestado do Diretor do Estabelecimento de Ensino, declarando curso e série em que está matriculado, *si fôr estudante*;
- e — atestado assinado por 2 pessoas idôneas, com firma reconhecida por tabelião, declarando que o candidato não está matriculado, nem poderá frequentar nenhum curso do ciclo do ensino superior, durante o tempo que frequentar o C. I. M., *si não fôr estudante*;

O Lícen

- f — consentimento do Pai, Tutor ou Responsável, sendo menor de 18 anos;
 - g — certificado de alistamento militar, ou recibo de nulla dado pela C. R., no caso de ter sido alistado à revelia, *si maior de 19 anos e 8 meses*. Mesma obrigação para os naturalizados;
 - h — atestado de bons antecedentes, passado pela Polícia local, sendo maior de 20 anos.
- II — Em virtude do Aviso nº 1825, de 10 de julho de 1942, de que a admissão de atiradores analfabetos, esta Inspetoria consultou à D. R. como proceder, em face das presentes instruções. Como o assunto foi levado à consideração do Exmo. Sr. Ministro, convém que se faça condicionalmente a matrícula dos candidatos naquelas condições, sendo a petição inicial assinada a rogo por outrem.

José Sotero dos Santos
Major, I. R. T. G.

S a n g u e . . .

Cuiabá... Primeiros dias de outubro... recreio da manhã... Barulho de cofres por todo o pátio acompanhando o estribilho: missões! missões! Todos eram pródigos e o dinheiro, esse "dinheirinho da merenda" chovia nos recipientes das séries. A algazarra era santa e animadora... Desaparecera tudo e só existia na boca, nos olhos, no pensamento e no coração dos alunos a palavra "Missões." Um pequeno vinha correndo, tendo nas mãos o cofre da sua turma. Era um dos tantos nossos "Miguel Magone" antes da conversão: muléque, vivo, mas de bom coração... Grande era o movimento no pátio; ele também corria e no momento em que sacudindo o cofre gritou: "dinheiro para as missões", uma pedra veio bater-lhe abaixo dos olhos abrindo-lhe uma chaga... e quando abaixou a cabeça ferida caíram dentro e sobre o cofre as gotas do seu sangue... Foi o primeiro e único sangue derramado durante essa formidável campanha; e foi a semente que desabrochou em Cr.\$ 20.000,00, 843 comunhões, 1.162 mortificações, 777 atos de aplicação e 797 atos de obediência. DODOCA.

Um bom coração

Carlos ia um dia à escola.

No caminho viu um menino maltrapilho que chorava, encostado a uma parede e rodeado por alguns alunos que caçoavam dele.

Condoído com aquela cena, perguntou-lhe porque chorava e obteve a seguinte resposta: «Choro porque sou pobre e minha mãe está doente; saí à rua afim de pedir esmolas e como até agora nada arranjei, estou triste».

Penalizou-se o jovem estudante e, sem dizer palavra, tomou o sujo gorro do infeliz e fazendo-o de sacola se dirige a cada um dos seus colegas para nele colocarem alguns tostões; feita uma boa coleta, entregou-a ao pobrezinho, que sorridente entre as lágrimas de a pouco seguiu o seu caminho desejando para Carlos um futuro feliz, em paga do seu bom coração.

Gabriel Francisco de Matos
Admissão A

Página de História

(conclusão)

A terra é um anfiteatro com tribuna livre onde os mais atirados (para usar palavra menos inconveniente) são os mais aplaudidos; é porque o «indivíduo creado no egoísmo e na maevolência se envergonha do nível ordinário da sua vida».

Um desses arrojadados que infelizmente não podemos deixar de mencionar, a quem os seus pósteros (*in regno coecorum monoculus rex*) chamaram de grande, indicado como modelo porque traçou seu nome com o sangue de mais de 9.600 inocentes, enganando com adulações a um rei, tapando por 20 anos a boca do mundo com maquiavélicas empresas, servindo-se do poder para suas vinganças pessoais, cuja herança enloqueceu D. Maria I e atrazon a nossa civilização de centenas de léguas, e cujo nome em vossa mente já correu a ocupar os seus títulos, é o Nero Português, é Sebastião José de Carvalho, é Pombal.

Como as paralelas não se encontram, vamos pela imensa vileza de Pombal estudar a nobreza dos missionários; a crueldade daquele vai marcar a bondade dos Jesuitas, o egoísmo do indivíduo determinar a nobreza, patriotismo e caridade da Ordem e o baixo nível do perseguidor indicar a grande elevação e santidade dos perseguidos. Não quero com isso apagar do quadro negro de Pombal a sua atuação no terremoto de Lisboa respondendo ao «que devemos fazer» do rei com o seu célebre «enterrar os mortos e cuidar dos vivos», mas como estamos em paralelos noto somente que D. Bosco disse «que estaria disposto a tirar o chapéu ao diabo contanto que lhe deixasse salvar uma alma», e estando no Brasil não salta no prato da balança de nossa terra o que ele fez no ultra-mar, e não é com um palmo de caridade que se pode encobrir o seu manto de tirano.

Com uma passagem rápida sobre a expulsão dos Jesuitas que não foram imolados pela terra que inculpavel os sacrificou, daremos por terminado este curto trabalhinho. Supérfluo seria querer provar sua evidente inocência; bastaria citar a perversidade e malícia dos seus opressores, a confiança que os índios depositavam nos padres e a defesa dos mesmos índios, tão eloquente que obrigaram a Zaballos escrever ao marquês de Valdelirios, um dos caluniadores da Companhia: «Eu informarei ao rei em sentido tão contrário a V. Excia. e tão a favor da justiça, que V. Excia. ou eu teremos que deixar a cabeça no cadafalso» (Teschauer).

Entretanto quem mandava em Portugal era um 1º ministro que não um rei e a mansidão dos missionários, as lágrimas dos

Índios, a eloquente oposição da verdade, os gritos da justiça ferida, e os protestos da consciência desse homem de quem se duvida se de fato a teve, não foram capazes de salvar a inocência desses padres dos quais disse o bispo de Olinda « não ter encontrado para reformar senão os sapatos que um tanto velhos tinham perdido a forma e reclamavam outros novos »

Para não descer a particularidades, pois já vamos longe, no Pará foram empilhados no porão como negros escravos e transportados para S. Luiz, onde 150 foram metidos a bordo de um só barco, negando o capitão um pouco de água para humedecer os lábios aos moribundos e privando-os até de receber os Sacramentos na hora da morte. Cinco padres sucumbiram a esses deshumanos tratamentos. Chegando a Lisboa foram metidos na prisão e lá ficaram 18 anos até a morte do rei e queda de Pombal. A vítima porém mais importante, mais influente e mais perigosa aos olhos de Pombal de quem Clemente XIII ao saber da morte declarou: «A Igreja de Jesus Cristo tem mais um martir», foi o Pe. Gabriel Malagrida estrangulado e queimado no largo do Rocio em Lisboa aos 21 de Setembro de 1761. Tinha 72 anos.

Assim foram tratados os filhos de Nóbrega e Anchieta, «esses dois vultos que sintetizam toda a alma com que a Companhia exerceu aqui a sua augusta função na nossa história.»

E convem, antes de dar fim ao trabalho, para curiosidade de alguns e para tranquilidade de todos, dar também fim a Pombal embora «*vermis ejus non moritur.*»

Onde foi Pombal depois de sua queda? pergunta Madureira. Nós responderíamos: morreu! E C. Castelo Branco conclue: Em 1829, jaziam ainda insepultos os seus ossos na igreja dos Franciscanos na Vila Pombal. E fato notável, foram os Jesuitas que, ao entrarem em Portugal, depois do restabelecimento da Companhia, se compadeceram do seu carrasco e lhe deram sepultura, celebrando uma Missa em sufrágio de sua alma.»

Pobre história, mestra sem discípulos, em vão desperdiças teus grandes ensinamentos, de balde tiras as tuas conclusões.

É o que nos sobra, pois felizmente também o mundo sempre teve seus bons moralistas que nos deixaram escrito: «Arrancados os Jesuitas, decaiu consideravelmente a instrução» «Seguiu um período de profunda ignorância de norte a sul.» «É aos franciscanos e aos seminários que se deve se não se voltou de todo a ignorância completa.» «Expulsos os Jesuitas, com violência e barbaridade, 113. 710 cristãos ficaram privados dos seus pastores e aniquiladas as suas reduções. De 100 000 habitantes

na margem do Paraná em 1835 só ficaram 1.000, tendo desaparecido por completo a prosperidade temporal. A região exuberante e coberta de árvores frutíferas, assim como os pastos cheios de numerosas cabeças de gado vacum e cavalar, converteu-se em um miserável mandiocal.»

«Com a expulsão dos Jesuitas no século passado XVIII — é Eduardo Prado quem escreve — a civilização recuou centenas de léguas. As prósperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruínas; os índios volveram à vida selvagem. As aldeias do Amazonas despovoaram-se e até hoje reina a solidão e o deserto onde havia já a sociabilidade humana.»

O tempo fez porém justiça.

E no dia 15 de Outubro de 1842, 83 anos depois da expulsão, pode-se dizer que foi fundada em Porto Alegre a primeira casa religiosa da Companhia de Jesús.

«Aniquilaram-no (o Jesuita), mas êle voltou com a mansa e irresistível porfia dum mar, que na vasante afirma seus direitos à plaga, e em breve a reocupa.»

A CAMPANHA MISSIONÁRIA

Que bela campanha! Não há uma sequer que se lhe iguale em nobreza.

Numerosos alunos de nosso querido Colégio, alistaram-se, voluntariamente no exército missionário.

Depois de adquirirem dos superiores, listas, santinhos, rifas e outras coisas os nossos soldados começaram a batalhar pelas missões.

Andando pelas ruas da nossa Capital, conseguiram, em pouco tempo, aiuntar uma soma elevada em dinheiro que superou a dos anos anteriores.

Entretanto, quando andavam implorando uma esmola a Jesús Cristo, (pois quem dá às missões empresta a Deus) os nossos bravos soldados eram, algumas vezes, insultados por algumas pessoas que diziam: «Não dou dinheiro a padre.»

Pobres; não sabem o que dizem, por isso Deus os perdoará.

Outros, porem, davam a sua esmola de todo o coração e a estes o Senhor saberá recompensar.

Entretanto, quem pensa mal dos Padres e Irmãos, engana-se. Quem se não êles, tratam carinhosamente de tantos índios que necessitam de civilização; quem, a não ser êles que acolhem com o mesmo carinho, em seus orfanatos, milhões de órfãos? Não só; existem tantos outros infelizes, que necessitam da caridade de bons cristãos; felizmente, existem milhões e milhões de bons católicos. Entretanto, depois de terminada a missão dêste ano, todos os alunos sentiam-se contentes e felizes; e assim é mesmo, pois Jesús Cristo faz felizes a todos os que trabalham por tão nobre campanha.

Wadih Butakka Filho

1ª Série B

Cantinho alegre

Esta vez quem fez o cantinho alegre foi o movimento missionário; vejam se são capazes de descobrir os nomes:

* *

Um fulano, rifou um sabonete, com o qual já tinha tomado dois banhos... ganhou Cr.\$ 12,00 para a sua série, deu «um jeito» na rifa, comprou um número e «oh! casualidade proposital» reganhcu o sabonete... Quem foi?

* *

Outro se encarregou da venda de mangas... e no fim da campanha tinha engordado cinco quilos. ?

* *

Outro corria com o refresco... e ficou com "desintéria." ?

* *

Uma série, depois de grande conclave, resolveu rifar um lenço de mais ou menos Cr. 0,30... já usado... ganhou Cr. \$ 34,00 e o lenço. ?

* *

Que turma rifou um «jogo de botão carola» «surripiado»?

Para que turma, uma garrafa «com rótulo de guaraná» saiu rendendo Cr. \$ 50,00?

* *

Quem ia rifar um vidro de doce de cajú e depois comeu o doce e rifou só o vidro?

* *

Que turma ficou com o cabresto?

* *

Que aluno corria com o cofre de sua série, obrigando todos a dar esmola e êle não deu nem Cr. \$ 0,10?

* *

Quem foi que queria rifar o relógio do papai e sem ter assinado na rifa ganhou o cinturão?

* *

Quem foi que reduziu sua bicicleta à expressão mais simples fazendo-a virar velocípede?

* *

Quem descobrir guarde o segredo.



CLASSIFICAÇÃO

Mês de Novembro de 1944

Primeira A

- 1º Francisco de Arruda Lobo Neto
- 2º Clovis de Melo
- 3º João Gonçalves de Pinho

Primeira B

- 1º Eurindo Dias
- 2º Emanuel Pinheiro da Silva
- 3º Hugo Cavalcanti Garcia

Primeira C

- 1º José Carlos Erhet
- 2º Anísio Sabo Mendes
- 2º Otacílio de Arruda e Silva
- 3º Ezequiel de Araujo Fernandes,
João Marques de Siqueira e
Moisés Lopes de Abreu

Segunda A

- 1º Aloísio de Cerqueira Caldas
- 2º Liberato da Silva Campos
- 3º Filadelfo Zacarias de Souza

Segunda B

- 1º Alvarino Crisóstomo Barbosa
- 2º Márcio Batista Corrêa de Arruda
- 3º Francisco de Moraes

Terceira A

- 1º Benedito Mutran
- 2º José do Carmo Ferraz
- 3º José Everaldo Malpicci da Silva

Terceira B

- 1º Nicácio Vieira de Almeida
- 2º José Alexandre Rocha de Matos
- 3º Lourival Francisco Zeferino

Quarta série

- 1º Ari Ourives
- 2º Bento Machado Lobo
- 3º Edézio Cardoso e Edmundo
Emanuel Teixeira

Exame de ADMISSÃO — Primeira época

Turma A

1º Leonides de Carvalho Filho	Média geral	10
2º Gabriel Francisco de Matos Neto	Média geral	9,8
3º Antônio Vanini Rondon	Média geral	9,6
3º José Raimundo Marques	Média geral	9,6

Turma B

1º Diniz Corrêa Fortes	Média geral	9,7
2º Antônio Antunes de Barros Sobrinho	Média geral	9,4
3º Antônio Rodrigues Pimentel	Média geral	9,3

ESCOLA INDUSTRIAL

É a instituição destinada principalmente para recolher os meninos pobres e, sob o amparo da pública beneficência, habilitá-los a um ofício, e ministrá-lhes a conveniente instrução para que se tornem homens úteis a si mesmos e à sociedade.

O ensino teórico, profissional e religioso é ministrado por mestres Salesianos, conforme o tradicional **método preventivo** de D. B. sco. Este sistema que se apoia todo na razão, no amor e na religião, consiste em prevenir e tornar quase impossíveis as faltas, e portanto os castigos, por meio de uma contínua, ativa e amigável assistência, paternais avisos e o santo temor de Deus.

A duração do Curso é de 5 anos e compreende a aprendizagem do ofício, subdividida em 10 graus e o ensino teórico, que completa a instrução primária e fornece mais conhecimentos técnicos e de contabilidade.

PARA ADMISSÃO DO ALUNO EXIGE-SE:

- 1 — que tenha idade entre 12 e 15 anos;
- 2 — que apresente atestado de batismo e prova de ter cursado, ao menos em parte, a escola primária e possivelmente um atestado do Vigário ou autoridade eclesiástica;
- 3 — que não apresente graves defeitos físicos ou morais e se sujeite plenamente ao regulamento do Estabelecimento;
- 4 — que a família concorra para as despesas da manutenção, na medida que lhe fôr possível, e de acordo com a Diretoria. Os meninos completamente desamparados serão recebidos gratuitamente nos limites das vagas disponíveis.

O ANO LETIVO vai de 15 de fevereiro a 15 de dezembro, sendo facultada a permanência durante as férias, aos alunos que não possam ir às próprias casas.

CURSO GINASIAL

Não se aceitam matrículas, no Ginásio, por carta ou telegrama. O interessado, ou quem por êle, deverá fazer requerimento no modelo fornecido pela Secretaria do Estabelecimento.

No ato da matrícula *deve ser paga a primeira prestação da anuidade*, que foi fixada. Quem pagar a anuidade inteira, nesta ocasião, desfrutará do desconto de 5%.

— Serão *excluídos* da matrícula os que por negligência no estudo, na disciplina, na moralidade ou nos deveres religiosos mostraram não se adaptarem às exigências do Instituto, como os que não tiverem na Capital uma pessoa responsável, à qual a

O Liceu

Diretoria possa fazer as necessárias comunicações, e, eventualmente, entregar o aluno que tivesse gravemente faltado contra os regulamentos do Educandário.

— A partir do dia 1º de abril todos os alunos serão obrigados a comparecerem fardados, em dias determinados de cada semana.

INTERNATO

Para a matrícula no internato é preciso notar:

1 — Também os que já estiveram internos devem pedir e receber, da Diretoria, até 15 de fevereiro, a confirmação da vaga, com indicação do número da matrícula.

2 — Todos tenham e marquem, com o número indicado pela Diretoria, cada objeto do enxoval abaixo indicado.

3 — Os novos matriculados devem ser menores de 14 anos, e têm obrigação de trazer certidão de batismo e crisma.

4 — Desde o início do ano letivo até o ato de encerramento o aluno não terá direito a saídas particulares, com a família, mesmo em dias feriados, como nas férias de junho, a não ser por razões graves, a juízo da Diretoria.

5 — São permitidas as visitas das pessoas da família, nos dias festivos, durante as horas de recreio, das 10 às 11 hs., das 12 às 13 hs. e das 14,30 às 15,30 hs. e sempre na sala apropriada.

6 — Durante o ano letivo a Diretoria providenciara, por conta da família, os objetos de que o aluno precisar e que não foram fornecidos antes pela mesma, não se permitindo saídas para se fazerem tais compras.

7 — A Diretoria tomará todas as providências para a saúde dos alunos internos. Porém em caso de doenças ou curas dentárias prolongadas a mesma deixará tudo aos cuidados da família, avisada previamente.

8 — Toda a correspondência e qualquer fornecimento aos internos deverá rigorosamente passar pelo trâmite da Diretoria, *sendo considerada grave a infração desta disposição*, que poderá ser punida com o afastamento do aluno.

ENXOVAL DOS INTERNOS

1 colchão 1,70 x 0,70	1 calção de banho	4 camisetas de mangas
1 travesseiro	4 camisas	2 calções para ginástica
1 cobertor	4 pares de ceroulas	2 sacos para roupa usada
2 colchas brancas	4 pares de meias	Escovas: para dentes, roupas e sapatos
4 lençóis	2 pares de botinas	penete, tesourinha, espelho
4 fronhas	1 par de chinelos	1 uniforme, a modelo do existente no Estabelecimento.
4 toalhas de rosto ou de banho	1 chapéu	
3 guardanapos	2 gravatas (1 preta)	
1 bacia de rosto	6 lenços	
	3 ternos de brim	

A Diretoria do Liceu Salesiano, no intuito de facilitar às famílias o pagamento da dita anuidade, concede que a mesma seja paga em cinco prestações: a 1ª no ato da matrícula, a 2ª até 15 de abril, a 3ª até 15 de junho, a 4ª até 15 de agosto, a 5ª até 15 de outubro.

Para o	Curso de Admissão	Cr. \$ 200,00	em prestações de	Cr. \$ 40,00
» a	1 ^a série ginasial	» 350,00	» » » »	70,00
» »	2 ^a » »	» 400,00	» » » »	80,00
» »	3 ^a » »	» 450,00	» » » »	90,00
» »	4 ^a » »	» 500,00	» » » »	100,00
» o	Colégio	» 750,00	» » » »	150,00

Alem da anuidade de aula, como para os externos :
Cr. \$ 1.500,00, em 5 prestações de Cr. \$ 300,00, para o Curso
Ginásial.
Cr. \$ 1.400,00, em 5 prestações de Cr. \$ 280,00, para Admissão

A Diretoria do Liceu Salesiano concede:

5%	de desconto	a quem pague a anualidade duma vez,	no ato da matrícula.
10% >	> >	ao ginásiano ou colégioal que tem 1 irmão matriculado em [série superior ou igual.	
20% >	> >	> >	que tem 2 irmãos matriculados [em série superior ou igual.
40% >	> >	> >	pobre e de comportamento ótimo, [se se classificou em 2º ou 3º [lugar da série, na média final.
80% >	> >	> >	aluno que nas mesmas condições da alínea anterior, [conseguir o 1º lugar.

O atraso no pagamento de alguma prestação é causa de suspensão do aluno da frequência às aulas e das provas.

A ausência do aluno, por qualquer motivo, não dispensa do pagamento integral da anuidade do ginásio.

Em busca de aventuras (continuação)

Carlos apontando para o vulto cadavérico que nas sombras da noite, iluminado pelos fugazes clarões das fogueiras se dirigia para eles, disse a Mário: é ela: mamãe!

— Mamãe?

Imagine o leitor, se depois de ter considerada morta a sua progenitora, a visse ressuscitar; imagine se depois de doze anos de ausência e de desesperança, visse a realização do seu desejo; imaginemos os que têm um coração o que sentiriam se encontrassem num momento com o ente mais querido o único que verdadeiramente nos ama no mundo... Quais foram os sentimentos de Mário naquela hora? Disseram-nos as lágrimas que quais pérolas rolavam de seus grandes olhos negros devolvendo à fogueira os seus lampejos. Falaram aqueles braços estendidos como o Cristo no cimo do Calvário. Gritaram aqueles lábios tremantes: Minha mãe...

E nesse momento quando ia apertar nos braços o motivo de toda a sua existência, a mando de Felisberto, dois homens agarraram-na brutalmente, jogando-a no meio das escravas, enquanto o Coronel cortava a comovente cena com sua risada satânica.

PENÚLTIMO CAPÍTULO

Fogueira tremia de raiva e nem percebeu Manecão e os outros que já estavam ao seu lado mesmo na hora em que ia sair do esconderijo.

— Onde vais?

— Vocês? Nem me lembrava mais... É preciso ajudar Mário; o tempo vai fechar.

— Vamos à cidade chamar gente? disse Felisberto.

— Chegará muito tarde; é preciso aproveitar do momento e da posição.

— Tanto mais que dia de festa, disse o Bugre, o Coronel guarda todas as armas de fogo do pessoal.

— É verdade, falou o Manecão; não podemos perder tempo; de nós depende a salvação de Mário.

— Todas as munições estão aqui? indagou Fogueira.

— Não; há muita coisa nos cavalos, mas o Bugre já foi buscá-los.

— Então escutem o meu plano...

O negro era tremendo — Napoleão diante dele teria desvantagens.

E enquanto ele vai contando seu plano, cuja realização presenciaremos, voltaremos de novo a Mário...

Naquele momento, quando viu sua mãe maltratada ficou petrificado. Te-

ve ímpetos de pular no meio, matar os dois e estrangular Felisberto, mas... Havia ali presentes umas duzentas e tantas pessoas, sendo tanta homens livres, uns cinquenta escravos, completando o número mulheres e crianças.

— Carlos, o que fazer?

— Paciência e prudência, Mário; resistir agora é inútil, mas tenho fé em Deus que a nossa hora não está longe.

— Pessoal, troou o vozão do Coronel; eu prometi a vocês um espetáculo para esta noite e não faltarei à minha palavra. Amarrarem esses dois.

E Mário e Carlos foram amarrados, sem resistência; nem valia a pena, era preciso reservar a força para melhor oportunidade.

— Tragam aqui a Nina...

E a pobre senhora veio nas mãos dos dois homens.

— Primeiro vão apanhar os dois para que a mãe tenha alguma satisfação...

— Felisberto, disse a mártir, não seja tão cruel; mande bater em mim, mas deixe-os em paz. São meus filhos...

— Um pouco de paciência que depois tocará também a sua vez, disse o carrasco.

— Eu recebo também por eles; já estou acostumada com sofrimento.

— Isso nunca, mamãe, exclamaram a uma os dois.

— Cale-se, bem sei: teu corpo é insensível e por isso é que de hoje em diante, vou agir de outro modo... Ainda não estou satisfeito; a vingança é como a hidropsia: quanto mais se bebe, mais sede se tem...

Os dois foram despidos no ombro e arrastados para o meio do terreiro.

Alguns dos presentes se riam; outros não. Carlos, porque perseguido, era benquisto no meio deles e salvas raras excessões, todos lhe queriam bem. Além disso D. Nina era a mãe de todos os necessitados, não perdera a estima, e mesmo no meio das escravas, era respeitada e amada por todos, que a tinham como uma santa. Ainda mais era a caritativa enfermeira e não raros dos habitantes da fazenda lhe deviam a vida. Felisberto, portanto errara os cálculos e perdia cada vez mais o pouco de estima que ainda tinha no meio de alguns dos seus capangas.

Continua.

Relatório dos jogos do campeonato — 1944

Maiores **Campeão: GUARANI 1º** **Pontos: 7**

Quadros	C. do S.	Guar.	Ubiraj.	Chav.	D. Sáv.	PONTO
Cruzeiro do Sul	—	0x4	—	3x1	2x1	6
Guarani 1º	4x0	—	2x1	3x2	2x2	7
Ubirajara	—	1x2	—	—	4x6	Abandonou
Chavantes	1x3	1x3	—	—	2x2	3
Domingos Sávio 1º	1x2	2x2	6x4	2x2	—	4

Médios **Campeão: GUARANI 2º** **Pontos: 14**

Quadros	S. Luiz	D. Sáv.	Guar.	Tupí	3ª	A1.	1ª C	Nor.	PONTOS
S. Luiz	—	—	0x3	1x1	3x3	8x0	3x4	3x3	7
J. Sávio	—	—	1x4	4x3	3x5	—	3x0	10x0	—
Guarani 2º	3x0	4x1	—	4x3	4x0	4x2	3x2	3x2	14
Tupí 1º	1x1	3x4	3x4	—	1x0	—	1x3	4x2	7
3ª Série A	3x3	5x3	0x4	0x1	—	3x1	2x3	2x3	5
Ad. A 1º	0x8	—	2x4	—	1x3	—	3x3	—	Aband.
1ª Série C	4x3	0x3	2x3	3x1	3x2	3x3	—	3x3	8
Nor. 1º	3x3	0x10	2x3	2x4	3x2	—	3x3	—	6

Menores **Campeão: TUPÍ 2º** **Pontos: 14**

Quadros	S. Lz.	D. Sáv.	Tp. 2º	1ª A	1ª A	2ª A	Nor.	Ad. B	Ad. A	PONTOS
S. Luiz 2º	—	3x1	4x4	2x5	2x5	1x0	3x4	2x0	5x5	8
D. Sávio 3º	1x3	—	1x8	3x3	—	1x3	2x2	2x2	4x3	7
Tupí 2º	4x4	8x1	—	4x4	9x3	7x4	3x2	9x5	4x1	14
1ª Série A 1º	5x2	3x3	4x4	—	—	3x4	6x3	9x4	7x3	12
1ª Série A 2º	5x2	—	3x9	—	—	—	0x5	4x6	2x9	Retirou
2ª Série A 1º	0x1	3x1	4x7	4x3	—	—	8x2	4x4	5x1	11
Noroeste 2º	4x3	2x2	2x3	3x6	5x0	2x8	—	—	5x0	9
Admissão B	0x2	2x2	5x9	4x9	6x4	4x4	—	—	5x3	6
Admissão A 2º	5x5	3x4	1x4	3x7	9x2	1x5	0x5	3x5	—	3

Relatório dos jogos do campeonato — 1944

Maiores

Campeão: GUARANI 1º Pontos: 7

Quadros	C. do S.	Guar.	Ubiraj.	Chavi.	D. Sáv.	PONTO
Cruzeiro do Sul	—	0x4	—	3x1	2x1	6
Guarani 1º	4x0	—	2x1	3x2	2x2	7
Ubirajara	—	1x2	—	—	4x6	Abandonou
Chavantes	1x3	1x3	—	—	2x2	3
Domingos Sávio 1º	1x2	2x2	6x4	2x2	—	4

Médios

Campeão: GUARANI 2º Pontos: 14

Quadros	S. Luiz	D. Sáv.	Guar.	Tupí	3ª	A1.	1ª C	Nor.	PONTOS
S. Luiz	—	—	0x3	1x1	3x3	8x0	3x4	3x3	7
J. Sávio	—	—	1x4	4x3	3x5	—	3x0	10x0	6
Guarani 2º	3x0	4x1	—	4x3	4x0	4x2	3x2	3x2	14
Tupí 1º	1x1	3x4	3x4	—	1x0	—	1x3	4x2	7
3ª Série A	3x3	5x3	0x4	0x1	—	3x1	2x3	2x3	5
Ad. A 1º	0x8	—	2x4	—	1x3	—	3x3	—	Aband.
1ª Série C	4x3	0x3	2x3	3x1	3x2	3x3	—	3x3	8
Nor. 1º	3x3	0x10	2x3	2x4	3x2	—	3x3	—	6

Menores

Campeão: TUPÍ 2º Pontos: 14

Quadros	S. Lz.	D. Sv.	Tp. 2º	1ª A	1ª A	2ª A	Nor.	Ad. B	Ad. A	PONTOS
S. Luiz 2º	—	3x1	4x4	2x5	2x5	1x0	3x4	2x0	5x5	8
D. Sávio 3º	1x3	—	1x8	3x3	—	1x3	2x2	2x2	4x3	7
Tupí 2º	4x4	8x1	—	4x4	9x3	7x4	3x2	9x5	4x1	14
1ª Série A 1º	5x2	3x3	4x4	—	—	3x4	6x3	9x4	7x3	12
1ª Série A 2º	5x2	—	3x9	—	—	—	0x5	4x6	2x9	Retirou
2ª Série A 1º	0x1	3x1	4x7	4x3	—	—	8x2	4x4	5x1	11
Noroeste 2º	4x3	2x2	2x3	3x6	5x0	2x8	—	—	5x0	9
Admissão B	0x2	2x2	5x9	4x9	6x4	4x4	—	—	5x3	6
Admissão A 2º	5x5	3x4	1x4	3x7	9x2	1x5	0x5	3x5	—	3